



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

ESCOLA: UM TERRITÓRIO DE SEMEAR O VOO

Vanessa de Oliveira Silva¹

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC)

Esse é um relato sobre pertencer, sobre território. Como um território ou a falta dele modifica a nossa forma de ser no mundo. Ao ler e refletir sobre o tema deste congresso, fica reverberando a palavra “gentes”. E lembro da música de Lô Borges: “... e o rio de asfalto e gente/ entorna pelas ladeiras/ entope o meio fio/ esquina mais de um milhão/ quero ver então a gente, gente, gente...” A vida de um professor, de um estudante entornando pelas ladeiras, esse transbordamento que nos afeta e que vez ou outra me faz lembrar que escola é feita de gente. Escola em ruína, é gente em ruína sendo moída por aquele grande moinho de gente que Darcy Ribeiro (2006) fala em O povo brasileiro. Mas tem uma outra parte da música que me inspira mais: “porque se chamavam homens/ também se chamavam sonhos/ e sonhos não envelhecem”. Ainda tem escola que está de pé, que floresce, escola que é asa é feita de gente que acredita, que sonha, que cria junto e enfrenta junto também. E uma escola assim me atravessou.

Antes de embarcar neste relato, preciso dizer que minha escrita é um modo de ser no mundo, é por ela (não somente) que me coloco, que imprimo minha digital e deixo minha marca no mundo. Ela é para mim, um ato de coragem, um ato político. Como diz Paulo Freire (2015), o ato de escrever não é apenas mecânico, e inclusive é mais complexo do que o ato de pensar sem escrever. O que estou escrevendo agora já me passava no momento em que refletia sobre a prática.

Eu tenho muitas coisas atravessadas em mim. Talvez a vida seja uma estrada longa com muitas estradas que nos atravessam. Encruzilhadas. O que atravessa modifica toda a percepção que temos da existência, nos muda. As coisas que me atravessam, passam pela minha cabeça,

¹ Vanessa de Oliveira Silva é artista, educadora e pesquisadora em Arte/Educação, mestra em Ensino de Artes pela Unesp. Atua desde 2007 como professora de Arte, desenvolvendo projetos formativos que articulam artes visuais, música, teatro e cultura popular brasileira. Integra grupos de pesquisa em arte educação como Arteduc e criação cênico-musical, como o Jabuticqui e Contadores de Mentira. Sua trajetória investiga o ateliê como espaço de criação, memória, movimento e transformação coletiva. Email: vanessa.o.silva@unesp.br • <https://lattes.cnpq.br/6628634872306209>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

coração, mãos, olhos, ouvidos e eu fico revivendo essas experiências dentro de mim. Larrosa (2011) diz que:

A experiência supõe, portanto, uma saída de si para outra coisa, um passo para outra coisa [...]. Mas, ao mesmo tempo, a experiência supõe também que algo passa desde o acontecimento para mim, que algo me vem ou me advém. Esse passo, além disso, é uma aventura e, portanto, tem algo de incerto, supõe um risco, um perigo. (Larrosa, 2011:7-8)

Um risco que me marca, me transforma e me inquieta. Talvez porque o professor é uma pessoa, fiz uma dissertação para reforçar essa afirmação publicada em 1984 por Ada Abraham, como afirma Nóvoa (2013) e isso ainda me inquieta. Por ser pessoa, os números, os resultados, os rankings, as atribuições, não me passam como simples equações. Talvez eu passe por elas muito devagar (ou divagando) e veja que as equações são experiências, sentimentos, gente, escolhas, sonhos, arrependimentos, desejos.

Quando defendi a dissertação fiquei muito comovida com a postura de acolhimento da banca. Principalmente porque vislumbrei por um instante que elas acreditavam na força do meu trabalho, na vontade (e vocação) que tenho por defender as pequenas coisas, a simplicidade e delicadeza do ato de aprender, na utopia de levar para escola beleza, poesia e verdade. Acreditando em mim, acreditavam também no poder da educação, na educação pela arte. Eu continuei sonhando ainda no dia seguinte enquanto lia o texto preparado por uma das professoras da banca sobre minha dissertação... esse sonho durou alguns dias e depois eu senti que acordei num chão duro e frio. Esse chão era o chão da escola.

Durante um semestre eu trabalhei com os estudantes as possibilidades de um estado de ateliê na escola, e tivemos experiências marcantes e significativas. Isso não foi o suficiente para que a gestão deixasse de enxergar a Arte como uma mera passagem de tempo sem impacto real na vida. Tive a iniciativa de então mudar de escola. Essa iniciativa me pareceu promissora por alguns meses. Eu estava conhecendo um novo território, com geografia diferente, com pessoas diferentes, que me lembraram os primeiros anos de docência na cidade onde iniciei meu trabalho como arte educadora. Os primeiros meses eu tateava cuidadosamente esse território e tentava propor experiências significativas que pareciam funcionar, os estudantes também demonstravam interesse, vontade de aprender. O desejo virava escultura de papel, de massinha, virava fotografia, virava desenho, a leitura de imagem virava brinquedo. O discurso da escola era de acreditar na educação, mas passado os primeiros meses, o tédio e a burocracia se instauravam e isso infelizmente não é novidade. Me sentia sozinha, não havia com quem

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

compartilhar o sonho. Seria demais sonhar? Seria ingenuidade? Seria ambição? Uma escola regular com aproximadamente 16 salas por período, com mais de 100 professores circulando entre esses períodos, correndo de uma escola a outra, completando a renda familiar, lutando também para que seus sonhos não caíssem no mar do esquecimento. Não havia muito tempo para vínculo, para plano em conjunto, para pensar uma escola única. Em meados de agosto, perdi algumas aulas com o retorno de outra professora que tinha sua sede naquela escola. Fui substituída como uma peça. Eu me sentia desrespeitada, mas é assim mesmo que funciona no estado, eu sempre soube e todos sabem, por isso ninguém mais sonha na escola básica. Nem estudante, nem professor, nem ninguém. Somos dados, somos frequência ou ausência, somos números adequados, básicos, ou abaixo do básico. Além do descaso, sofremos violência, silenciamento, apagamento. Terminei minha dissertação dizendo que queria professar a Arte. Eu havia acabado de defender o espaço da arte na escola, a prática do ateliê como forma de emancipação do pensamento, que cada um é importante, que o professor é uma pessoa e daqueles meses em diante eu não me sentia uma pessoa na escola. Me sentia apenas um nome preenchido no horário para que a sala não ficasse sem ninguém tomando conta. Sentia-me anestesiada. Como se eu estivesse lá no fundo de mim e não conseguisse ter força ou vontade para estar em cima, na consciência. Li em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves (2006), que quando a gente se conforma não sonha mais. Eu estava conformada, me fiz caber dentro da frase "é assim mesmo".

Mas dizem que fundo de poço tem mola... Me inscrevi para participar do processo seletivo de escolas de ensino integral. Eu nunca havia trabalhado nesse programa e numa nova tentativa de mudança resolvi arriscar. Fui para uma escola de ensino médio, pequena, poucas salas, com uma arquitetura que chama atenção de quem passa por ela. Uma escola com tijolinhos vazados, rodeada de árvores, muros baixos, poucas grades. Nessa escola eu me senti parte do todo.

Antes das aulas iniciarem, fizemos o planejamento e foram apresentados para os novos professores os projetos que a escola realizava. Um deles que me cativou especialmente era um livro de poesia "Quando as palavras brotam". Orientado pela professora da sala de leitura, os estudantes escreviam um livro de poesias em conjunto e alguns trechos eram declamados na tarde de autógrafos, na escola recebendo os pais responsáveis dos estudantes com apresentações artísticas e café coletivo.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

No primeiro dia de aula eu me apresentava com cuidado e timidez para as turmas, e em uma delas percebi que os alunos eram agitados, mal me ouviram falar e imediatamente pensei que esta turma seria um grande desafio. Curiosamente foi a turma mais expressiva, criativa e a que tinha mais sensibilidade a música.

Uma das disciplinas que comecei a lecionar se chama EMA (Esporte, música e arte), paz parte das disciplinas diversificadas do período integral, como já havia aulas de Arte atribuídas para as turmas de primeiras séries, aproveitei para trabalhar a educação musical e pudemos estudar e vivenciar as manifestações da cultura brasileira trabalhando com as propriedades do som, a criação coletiva e patrimônio cultural imaterial. Abordei algumas brincadeiras da cultura tradicional, entre elas o coco pernambucano, ciranda e jongo. Junto a esses saberes, aprendemos a rimar, colocar versos na roda, tocar instrumentos de percussão, improvisar com instrumentos melódicos e experimentar diferentes músicas brasileiras no compasso do baião.

Um dos versos que criei foi especialmente para a turma agitada foi: “Quando cheguei nessa sala / Eu fiquei meio assustada/ Pensei que essa turma toda/ Não iria dar em nada/ Mas olhando com cuidado/ Eu mudei de opinião/ O jeitinho de vocês/ Conquistou meu coração/ Pois agora eu quero ver/ Depois de eu ensinar/ O que vocês vão fazer/ Pra poder me acompanhar/ Já toquei e já cantei/ Vou passar a minha vez/ Quero escutar agora/ O versinho de vocês”. Junto ao coro “Ô ema, ô ema, ô ema corredeira/ nunca vi bicho de pena para correr dessa maneira”. A música escolhida para brincar, fazia uma referência ao nome da disciplina e ao som do pandeiro, desafiava os estudantes a criarem o próprio versinho.

A partir desse brinquedo cantado estudamos o ritmo do coco. Uma manifestação do Nordeste brasileiro que une dança, música e poesia e têm suas raízes ligadas à nossa ancestralidade indígena, africana e portuguesa. Os estudantes aprenderam a pisada, as palmas e os cantos. Também exploramos como tocar o bumbo, utilizando a caixa do divino, o ganzá e o pandeiro. O toque do pandeiro foi transmitido a partir de dois pandeiros que levei para a escola e depois orientei que os alunos estudassem as variações do toque na capa do caderno. Alguns estudantes se destacaram aprendendo a tocar em diferentes velocidades, criando variações rítmicas não só no pandeiro mas também na caixa do divino. Também se destacaram na criação e improvisação de versos pois alguns alunos conectaram a prática do improviso com o que aprenderam sobre o rap.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Como exercício coletivo de criação pedi que os estudantes encontrassem outras músicas que coubessem no ritmo do coco, e dessa exploração foi surgindo um novo repertório. Percebemos aos poucos que o coco virou uma linguagem que pertencia ao cotidiano escolar dos alunos das primeiras séries de tal forma que eles queriam tocar fora do horário de aula, nos momentos de intervalo ou tutoria. E um desses dias ficou marcado porque à tarde, as vésperas de um feriado estávamos reunidos pelo acaso e pela cultura popular tocando coco debaixo de um pé de pimenta rosa. Algumas pessoas captaram com as câmeras dos celulares, esse momento de encantamento e brincadeira que eu não me lembrava mais ser possível viver na educação básica.

Desse desejo verdadeiro de se expressar com a cultura popular introduzi também o ritmo da ciranda e entrou para essa roda mais alguns instrumentos: o tarol (caixa) e a escaleta. Entramos num consenso de um repertório e apresentamos na festa junina da escola. Vi que todos tinham um anseio: de um lado eu, que me vi podada e desencorajada por outras escolas, e do outro, os estudantes e demais professores que não estavam acostumados às práticas artísticas que transbordavam para além da sala de aula. Mais adiante a combinei com a professora da sala de leitura de fazermos uma pequena apresentação no dia da tarde de autógrafos. Neste evento vi que os estudantes exerceram seu protagonismo diante de seus professores, educadores, amigos e parentes. Em uma das proposições musicais, um estudante circulava com uma cestinha de versinhos para que a plateia pudesse participar e interagir com a intervenção, e no momento da ciranda eles foram convidados a entrar na roda. Dessa forma os pais se sentiram pertencentes de uma forma carinhosa e divertida no evento. Houve outras atuações dos estudantes, muito bonitas e encantadoras, porém essa foi a única que permitiu essa interação.

Passado alguns meses eu estava propondo um experimento com esses estudantes, de um autômato em que a criatura inventada deveria ter asas como as invenções voadoras de Leonardo da Vinci. Quando vi as criações dos estudantes pensei no poema de Rubem Alves (2009), que diz que algumas escolas são gaiolas e outras são asa. Escolas que são gaiolas servem para que os pássaros desaprendam a arte de voar. A escola que é asa encoraja o pássaro para o voo. Sinto que essa escola me é asa. Mesmo na condição de encorajar o voo dos alunos, aqui sou encorajada a voar também. Fazia tempo que o voo era só utopia da minha escrita. Aqui me permito viver o sonho.

Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Por uma Educação romântica*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2009. p. 29-32.

FREIRE, Paulo. *Professora sim; Tia, não: Cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 24ª edição. 2015. Recurso Digital

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LARROSA, Jorge. *Experiência E Alteridade Em Educação Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul*, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011

NÓVOA, António (org.). *Vida de Professores*. Porto Editora: Portugal. 2ª edição, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

